

A Teologia da Cruz de Paulo a partir de Gl 2,19-20 em diálogo com a Teologia da Cruz de Lutero e de Moltmann

Paul's Theology of the Cross from Gal 2,19-20 in dialogue with Luther's and Moltmann's Theology of the Cross
La Teología de la Cruz de Pablo de Gál 2,19-20 en diálogo con la Teología de la Cruz de Lutero y de Moltmann

Waldecir Gonzaga¹
Ivanilton Almeida de Andrade Júnior²

Resumo

A Teologia da Cruz, enquanto movimento presente na teologia contemporânea, é identificada como de paternidade do teólogo Moltmann. Todavia, é extremamente necessário retornar às origens anteriores de uma construção teológica que parte de uma perspectiva da Cruz como elemento norteador da teologia. Sendo assim, o presente estudo se propõe a oferecer uma articulação que parte da origem primeira da Teologia da Cruz, na teologia paulina, tomando o texto de Gl 2,19-20 como lugar de interpretação da cruz na teologia desenvolvida por Paulo. Sendo uma carta protopaulina, de autoria indiscutível, a carta aos Gálatas reveste-se de um valor ímpar como texto paulino para a reflexão proposta para este estudo. Em seguida, é abordado o tema a partir de Lutero, que

¹ Doutor em Teologia Bíblica pela Pontifícia Universidade Gregoriana (Roma, Itália) e Pós-Doutorado pela FAJE (Belo Horizonte, Brasil). Diretor e Professor de Teologia Bíblica do Departamento de Teologia da PUC-Rio. Criador e líder do Grupo de Estudos Análise Retórica Bíblica Semítica, credenciado junto ao CNPq. E-mail: <waldecir@hotmail.com>. Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9171678019364477> e ORCID ID: <https://orcid.org/0000-0001-5929-382X>.

² Mestrando em Teologia Sistemático-Pastoral pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio). Professor-tutor do curso de Bacharel em Teologia do Seminário Teológico Batista do Sul do Brasil. E-mail: <ivanilton.jra@gmail.com>. Currículo Lattes: < <https://lattes.cnpq.br/1444758535123486> > e ORCID ID: <https://orcid.org/0009-0003-4497-8115>.

tem, no debate em Heidelberg, o seu grande ponto central de construção da Teologia da Cruz. Na perspectiva de Lutero, é pensada a forma como o reformador entende a realidade do sofrimento vivenciado na Cruz de Jesus Cristo como parâmetro norteador da construção de toda teologia. O estudo é finalizado com a contribuição de Moltmann, que representa a escola de pensamento da Teologia da Cruz contemporânea. Nela é observada a temática do sofrimento, tão presente na vida do autor desde seu nascimento para a teologia, bem como a forma com que Moltmann entende o sofrimento de Deus na Cruz, na pessoa do Filho crucificado, a partir de toda a experiência do sofrimento, e das grandes crises e catástrofes do século XX, o chamado “século sem Deus”, mas que, na realidade, conta com grandes místicos e místicas.

Palavras-chave: Paulo, Lutero, Moltmann, Teologia da Cruz, Teologia da Glória, Sofrimento, Esperança.

Abstract

The Theology of the Cross, as a movement present in contemporary theology, is identified as having its roots in the theologian Moltmann. However, it is extremely necessary to return to the earlier origins of a theological construction that begins from a perspective of the Cross as a guiding element of theology. Thus, the present study aims to offer an articulation that stems from the original source of the Theology of the Cross in Pauline theology, using the text of Gal 2,19-20 as a place of interpretation of the cross in the theology developed by Paul. As a proto-Pauline letter of indisputable authorship, the letter to the Galatians holds unique value as a Pauline text for the reflection proposed in this study. Subsequently, the theme is approached from Luther, who has, in the Heidelberg debate, his central point for the construction of the Theology of the Cross. From Luther's perspective, the way in which the reformer understands the reality of suffering experienced in the Cross of Jesus Christ is considered as a guiding parameter for the construction of all theology. The study concludes with Moltmann's contribution, who represents the school of thought of contemporary Theology of the Cross. In it, the theme of suffering is observed, so present in the author's life since his birth into theology, as well as the way in which Moltmann understands God's suffering on the Cross, in the person of the crucified Son, based on the entirety of suffering experience and the major crises

and catastrophes of the twentieth century, the so-called “century without God”, which, in reality, includes great mystics and mystical.

Keywords: Paul, Luther, Moltmann, Theology of the Cross, Theology of Glory, Suffering, Hope.

Resumen

La Teología de la Cruz, como movimiento presente en la teología contemporánea, se identifica como de paternidad del teólogo Moltmann. Sin embargo, es extremadamente necesario regresar a las raíces anteriores de una construcción teológica que parte de una perspectiva de la Cruz como elemento orientador de la teología. Así, el presente estudio se propone ofrecer una articulación que parte de la primera origen de la Teología de la Cruz, en la teología paulina, tomando el texto de Gál 2,19-20 como lugar de interpretación de la cruz en la teología desarrollada por Pablo. Siendo una carta proto-paulina, de autoría indiscutible, la carta a los Gálatas posee un valor único como texto paulino para la reflexión propuesta en este estudio. A continuación, se aborda el tema a partir de Lutero, quien tiene, en el debate de Heidelberg, su gran punto central en la construcción de la Teología de la Cruz. Desde la perspectiva de Lutero, se piensa en la forma en que el reformador entiende la realidad del sufrimiento vivido en la Cruz de Jesucristo como parámetro orientador de toda teología. El estudio se finaliza con la contribución de Moltmann, quien representa la escuela de pensamiento de la Teología de la Cruz contemporánea. En ella se observa la temática del sufrimiento, tan presente en la vida del autor desde su nacimiento en la teología, así como la manera en que Moltmann entiende el sufrimiento de Dios en la Cruz, en la persona del Hijo crucificado, a partir de toda la experiencia del sufrimiento y de las grandes crisis y catástrofes del siglo XX, el llamado “siglo sin Dios”, pero que, en realidad, cuenta con grandes místicos y místicas.

Palavras chave: Pablo, Lutero, Moltmann, Teología de la Cruz, Teología de la Gloria, Sufrimiento, Esperanza.

Introdução

A Teologia da Cruz (*Theologia Crucis*) é assumida como de papel central na teologia cristã. Por uma questão de proximidade temporal, a Teologia da Cruz facilmente pode ser pensada produzida pelos movimentos recentes da teologia contemporânea, enfatizando as produções recentes, mas esquecendo-se do que a tradição aponta sobre esse tema de tamanha importância da teologia. Portanto, a fim de analisar esse tema de um modo mais completo, o presente estudo observa a Teologia da Cruz a partir da perspectiva da Teologia Bíblica, especialmente da Teologia Paulina, da Teologia Histórica e da Teologia Sistemática.

Pensando na perspectiva da Teologia Bíblica, entende-se tranquilamente que seria possível ser trabalhada a Teologia da Cruz de maneira específica em variados textos da literatura paulina, bem como poderia ser analisada a partir da narrativa dos Evangelhos. Todavia, é preciso delimitar o campo de ação, e a análise é tomada a partir do texto de Gl 2,19-20, uma das cartas protopaulinas, presentes em todas as listas e catálogos bíblicos desde o início do Cristianismo, inclusive no cânon de Marcião³. A escolha não se dá por predileção em relação ao conteúdo, mas sim por se compreender que o texto bíblico em questão está em um contexto que expressa a plena união do apóstolo junto a Cristo, assumindo assim uma estreita ligação entre a produção do apóstolo e sua experiência vivencial, pois ele assume consequências extremas devido

³ GONZAGA, W., *Compêndio do Cânon Bíblico*, p. 406-407; GONZAGA, W., *O Corpus Paulinum no Cânon do Novo Testamento*, p. 19-41.

ao fato de seguir a Cristo até às últimas consequências, no martírio. Em Gl 2,19-20, Paulo assume as mais intensas consequências de uma vida crucificada e formula uma teologia que pressupõe sua própria jornada. Assim, quando o apóstolo diz “Χριστῷ συνεσταύρωμα/*com Cristo, estou crucificado*” (Gl 2,19), é possível observar que essa Teologia da Cruz é construída por alguém que, antes de apresentar a teoria, já apresenta a própria experiência de uma vida crucificada.

Tendo presente uma perspectiva histórica, é feita a análise da Teologia da Cruz de Martinho Lutero. Aqui é observado o contraponto que Lutero faz entre a Teologia da Cruz e a Teologia da Glória. A Teologia da Glória, segundo Lutero, é a busca humana para encontrar Deus a partir de seus próprios caminhos e méritos, ao passo que a Teologia da Cruz, defendida por Lutero, é nutrida pela compreensão de que ao homem não é possível se salvar, pois a salvação é fruto da graça divina, em sua gratuidade. É baseado na Teologia da Cruz que Lutero⁴ defende a gratuidade da salvação e a justificação pela fé em Cristo Jesus, aquele que na Cruz se entregou, deu a vida e morreu em prol da salvação da humanidade, confiando-se totalmente nas mãos do Pai.

A parte final do estudo é trabalhada a partir da contribuição de Jürgen Moltmann⁵, em que a Teologia da Cruz é assumida como a sua construção teológica sob a ótica do sofrimento. Moltmann é conhecido como um autor que constrói seu pensamento, desde o início, a partir da

⁴ A exposição das teses do Debate de Heidelberg é trabalhada diretamente a partir do texto *Obras Seleccionadas: Volume 1; Os primórdios - Escritos de 1517 a 1519*.

⁵ A principal obra em que Jürgen Moltmann trabalha a questão do sofrimento é *O Deus Crucificado* (1972).

compreensão de que na Cruz, Jesus se coloca em solidariedade ao sofrimento humano. O autor nasce para a teologia em meio ao contexto de sofrimento que vivenciou diante dos horrores da Segunda Guerra Mundial e daquele que, diante de seu próprio sofrimento, vê, nos relatos do sofrimento de Jesus, a afirmação de um Deus que se submete à dor.

1. Tradução de Gl 2,19-20

A tradução de Gl 2,19-20 revela a intensidade com que Paulo lida com sua experiência a partir do encontro místico que teve com Cristo, ou seja, revela as dimensões reais com que Paulo passou a encarar a vida mediante sua compreensão do Evangelho. O vocabulário utilizado transmite profundidade através da utilização de termos teológicos de grande importância, especialmente em sentir-se e afirmar que “Χριστῷ συνεσταύρωμαι/*com Cristo, estou crucificado*” (Gl 2,19). A tradução nos fornece a possibilidade de compreender os temas teológicos que envolvem o texto paulino, de rica teologia no campo da Teologia da Cruz e da confiança nas mãos de Deus, daquele que tudo pode.

Texto Grego da NA28 (Gl 2,19-20)	Tradução para o português (Gl 2,19-20)
¹⁹ ἐγὼ γὰρ διὰ νόμου νόμῳ ἀπέθανον, ἵνα θεῷ ζήσω. Χριστῷ συνεσταύρωμαι.	¹⁹ Eu, de fato, pela lei morri para a lei, a fim de viver para Deus. Com Cristo, estou crucificado.
²⁰ ζῶ δὲ οὐκέτι ἐγώ, ζῆ δὲ ἐν ἐμοὶ Χριστός· ὁ δὲ νῦν ζῶ ἐν σαρκί, ἐν πίστει ζῶ τῆ τοῦ υἱοῦ τοῦ θεοῦ τοῦ ἀγαπήσαντός με καὶ παραδόντος ἑαυτὸν ὑπὲρ ἐμοῦ.	²⁰ Vivo, porém, não mais eu, mas Cristo vive em mim. E o que agora vivo na carne, vivo-o na fé do Filho de Deus, que me amou e se entregou a si mesmo por mim.

Fonte: texto grego da NA28, tradução e tabela dos autores.

2. Análise de Gl 2,19-20

A fim de se realizar uma análise sobre a temática da Teologia da Cruz em Gl 2,19-20, o presente item oferece uma abordagem em três pontos que se complementam e auxiliam no entendimento do presente estudo: 1) A experiência fundante do apóstolo Paulo; 2) O “fio condutor” da carta aos Gálatas; e 3) Teologia da Cruz em Gl 2,19-20

2.1. A experiência fundante do apóstolo Paulo

Ao apóstolo Paulo pode ser atribuída a qualidade de grande missionário e escritor do cristianismo nascente. Vindo de Tarso, na Cilícia, Paulo era oriundo do judaísmo helenista e sua formação se deu através da erudição rabínica das Escrituras. O relato do livro de Atos dos Apóstolos, especialmente em At 22,3, indica sua formação como sendo protagonizada pela instrução de Gamaliel. Todavia, Gl 1,22 apresenta essa afirmação de forma controversa ao relatar que as igrejas da Judeia desconheciam o apóstolo. De todo modo, desde sua origem, em sua própria terra natal, o apóstolo teve contato com a cultura helenista e alcançou conhecimento da filosofia popular. Ou seja, vê-se que Paulo tinha certa familiaridade com aspectos do sincretismo religioso. Sua trajetória é totalmente atravessada pelo questionamento a respeito da lei. Porém, Paulo é convidado a reconhecer na cruz de Cristo o argumento que quebraria a sua compreensão de que o alcance da justiça de Deus se daria através do esforço judaico no cumprimento das prescrições, ou seja, das obras da lei (Gl 2,15-21).

A partir do chamado do crucificado, Paulo é convidado a quebrar o que seria sua garantia de êxito e o que ele poderia apresentar como orgulho

peçoal (Fl 3,4-7). A conversão dele representa uma verdadeira sujeição ao juízo de Deus expresso na cruz de Cristo. Sua conversão o conduziu para a comunidade helenista, sendo justamente em território helenista que Paulo passou a atuar como missionário juntamente com Barnabé, que também era helenista, responsável por levar Paulo como seu companheiro de missão para a Antioquia. Foi juntamente com Barnabé que Paulo deu os primeiros passos na defesa de um cristianismo helenista perante os apóstolos de Jerusalém, e juntos, eles também iniciaram a trajetória com sua viagem missionária fundando comunidades cristãos, relatada em At 13-14⁶.

Todo direcionamento de Paulo é tomado a partir de uma experiência mística, aquela do caminho em direção a Damasco (At 9,1-18; 22,1-16; 26,9-18; Gl 1,11-24), uma vez que, além de não ter sido um dos Doze Apóstolos de Jesus, ele sequer deve ter conhecido o nazareno, tendo conhecido apenas o Cristo Ressuscitado. Isso tendo em vista que a chegada de Paulo em Jerusalém ocorreu posteriormente à morte de Jesus. Os escritos de Paulo, sejam as epístolas autênticas (também chamadas de protopaulinas) e os escritos que são identificados como atribuídos a ele (cartas deuteropaulinas e pastorais), não apresentam grandes detalhes desse encontro místico de Paulo com Cristo. O fato é que Paulo rumava em direção a Damasco com o intento de combater o que entendia ser um desvio no interior da fé judaica, o cristianismo nascente. Todavia, a partir do encontro com Cristo, sobre o qual Paulo desconhecia de qualquer experiência histórica anterior, ele tem os passos de sua trajetória

⁶ BULTMANN, R., Teologia do Novo Testamento, p. 242-244.

totalmente redirecionados⁷ e redimensionados, o que ressignifica totalmente sua vida, história e visão de Deus e do judaísmo.

A respeito dessa experiência mística, os estudos teológicos dão conta de duas possibilidades de análise: 1) a visão mais tradicional e hegemônica defende que essa experiência mística do encontro de Paulo com Cristo foi um caso paradigmático de conversão à fé cristã; 2) a segunda perspectiva entende que esse encontro se direciona exclusivamente como um chamado para Paulo ser um apóstolo entre os gentios, como ele se vê (Rm 11,13 e 1Tm 2,7)⁸, não sendo assim uma experiência de conversão e sim um chamado.

A primeira interpretação possui suas raízes em Agostinho⁹, a partir da maneira como ele compreende a própria experiência de conversão. Essa perspectiva vai entender a experiência de Paulo como o ponto central de entendimento de que ele, Paulo, um fariseu zeloso na prática da lei, entende-se incapaz de cumprir fielmente toda a lei. Na segunda perspectiva, que é protagonizada por Stendahl, em sua obra “Paulo entre judeus e gentios”¹⁰ (1977), que apresenta um questionamento da ideia tradicional a respeito da conversão de Paulo. A convicção de Stendahl é de que a percepção tradicional é fruto mais das leituras introspectivas de Agostinho e de Lutero do que propriamente de uma análise do Novo Testamento. Para Stendahl a experiência que Paulo teve na estrada de Damasco não foi uma experiência de troca de religião, mas sim um

⁷ VASCONCELLOS, P.; FUNARI, P. P. A., Paulo de Tarso, p. 20-21.

⁸ GONZAGA, W.; LIMA, A. P., A autocompreensão missionária de Paulo em Rm 11,13 e 1Tm 2,7, p. 29-76.

⁹ AGOSTINHO, S., Confissões (1984).

¹⁰ STENDAHL, K., Paul among Jews and Gentiles (1977).

chamamento para uma missão apostólica entre os gentios. Essa segunda perspectiva não é favorável à ideia que a perspectiva tradicional possui a respeito do evento místico, de que, mediante a essa experiência, Paulo haveria se afligindo por um sentimento de culpa, sentimento esse que é um fruto de uma análise descrita do texto de Rm 7,7-25¹¹.

A interpretação tradicional de Rm 7,7-25, compreende-o como um indicativo dos sentimentos de culpa e inferioridade que Paulo possuía, uma vez que os relatos são apresentados na primeira pessoa do singular. Ou seja, interpreta-se que Paulo estaria apresentando um relato pessoal de sua experiência de insuficiência no cumprimento da lei¹². O presente estudo não tem como intuito definir qual das duas perspectivas de interpretação é a mais coerente. O grande ponto de destaque é o rumo que é dado na vida de Paulo a partir da sua compreensão a respeito da lei. A experiência de conversão/chamado de Paulo é apresentada pelo próprio apóstolo, em Gl 1,11-17, como uma ação de natureza totalmente divina, em que ele defende o Evangelho que anuncia em detrimento das diversas acusações que recebia por parte dos seus adversários, os judaizantes.

Os estudos no geral apontam que os judaizantes, indicados da carta aos Gálatas, eram aqueles que entendiam que os gentios que adentravam à fé cristã deveriam seguir com a observância estrita da lei, como *conditio sine qua non* em vista da salvação em Cristo Jesus¹³, o que era totalmente

¹¹ POWERS, J. E., Paulo, Conversão e Chamado de, p. 989-990.

¹² POWERS, J. E., Paulo, Conversão e Chamado de, p. 992.

¹³ GONZAGA, W., “A verdade do Evangelho” (GL 2, 5.14) e a autoridade na igreja: Gl 2, 1-21 na exegese do Vaticano II até os nossos dias. História, balanço e novas perspectivas (2014); GONZAGA, W., Os Conflitos na Igreja Primitiva entre

combatido por Paulo, uma vez que ele estava convicto em defender o anúncio de “um evangelho sem lei”¹⁴. Era justamente a oposição entre sua vida como judeu zeloso das tradições judaicas e perseguidor dos que acreditavam na mensagem do Cristo, e a nova vida enquanto apóstolo entre os gentios, que evidenciava a origem divina do Evangelho por ele anunciado e a legitimidade de sua vocação apostólica.

2.2. O “fio condutor” da carta aos Gálatas

O texto de Gálatas, assim como Romanos, 1-2Coríntios, Filipenses, 1 Tessalonicenses e Filemon, como indicando antes, é considerado uma das epístolas paulinas de autoria autêntica¹⁵. Gálatas é um escrito de grande importância na literatura paulina, apresentando aspectos centrais do pensamento do autor. No entanto, um pensamento muito equivocado é que o motivo da escrita das cartas de Paulo é a busca inicial de apresentar uma teologia para as igrejas. Esse pensamento colabora para uma convicção de que o apóstolo foi alguém com preocupações tão somente teóricas. Diferentemente disso, a carta aos Gálatas não é fruto de questões teóricas, mas sim de necessidades pastorais que se apresentavam ao apóstolo, que percebe a necessidade de orientar a Igreja frente à sua relação com os gentios¹⁶. Em seu início, na missão cristã, Paulo se direcionou exclusivamente ao povo hebreu, ou seja, aos judeus.

Judaizantes e Gentios a partir das Cartas de Paulo aos Gálatas e aos Romanos (2015a); GONZAGA, W., Os Conflitos na Igreja Primitiva entre Judaizantes e Gentios em Gl 2 (2015b).

¹⁴ POWERS, J. E., Paulo, Conversão e Chamado de, p. 991.

¹⁵ BULTMANN, R., Teologia do Novo Testamento, p. 245.

¹⁶ GONZAGA, W., “A verdade do Evangelho” (Gl 2,5.14) e a autoridade na Igreja, p. 32-33.

Existiam também os casos em que algum gentio poderia adentrar as portas da fé cristã, porém tal evento acontecia mediante circuncisão destes que abraçavam a fé cristã, ainda como condição obrigatória, como para o judaísmo, e a diferença foi se dando paulatinamente, até se obter a não obrigatoriedade da observância da circuncisão para se abraçar a fé cristã (Gl 2 e At 15)¹⁷.

Percebe-se aqui diretamente uma implicação fundamental de tom cultural para que houvesse um evidente obstáculo para a entrada dos gentios, mesmo que as portas não fossem oficialmente fechadas para a entrada destes, que não eram submetidos à circuncisão, visto que ainda havia alguns gentios que se submetiam à circuncisão em vista da adesão à fé cristã. A perspectiva da qual se pensava era de que os gentios seguiriam em peregrinação rumo à Jerusalém, e com isso se distanciavam do pensamento de uma perspectiva de missão rumo à terra dos gentios. A tendência natural é pensar que no início da era cristã aqueles que se converteram ao cristianismo eram circuncidados, mas apenas por volta dos anos 40 d.C., quando a conversão dos gentios tomou dimensões maiores, é que surgiu a questão de continuar ou não a impor aos neófitos a prática da circuncisão¹⁸. Obviamente, essa prática brutal afetava diretamente a proclamação e aceitação do Evangelho na terra dos gentios. O tom do apóstolo para os cristãos da Galácia está totalmente

¹⁷ GONZAGA, W., Os Conflitos na Igreja Primitiva entre Judaizantes e Gentios a partir das Cartas de Paulo aos Gálatas e aos Romanos (2015a); GONZAGA, W., Os Conflitos na Igreja Primitiva entre Judaizantes e Gentios em Gl 2 (2015b).

¹⁸ BARBAGLIO, G., Cartas de Paulo (II), p. 19.

em direção a essas questões, defendendo a não obrigatoriedade da circuncisão para aceitação de Cristo.

A tradição aponta que Paulo escreve sua carta aos habitantes da Galácia do Norte, mas, a respeito dos destinatários da carta, os estudiosos apontam duas possibilidades. A mais tradicional entende que Paulo escreveu aos gálatas étnicos, que seriam os habitantes da Galácia do Norte. A segunda corrente de pensamento define os destinatários como sendo aqueles da Galácia do Sul. De todo modo, a grande força de influência de ambas as correntes é o fato de que, a depender dos destinatários, varia a provável data de escrita da carta. A teoria tradicional, de ter sido endereçada à Galácia do Norte, torna necessariamente a carta como de datação entre 54 a 57 d.C., ao passo que a segunda teoria, que aponta os gálatas do Sul como destinatários, indica a datação como entre 48 e 49 d.C., ou seja, antes do concílio de Jerusalém¹⁹.

Abraçando a teoria tradicional dos destinatários serem os gálatas do Norte, entre 54 a 57 d.C., toma-se então a realidade de uma escrita da carta em meados da década de 50 d.C., o que significa que, tomando o que foi apresentado acima, já havia passado consideravelmente dos anos 40 d.C. e já havia uma conversão de gentios em números muito mais significativo. Sendo assim, questões como a prática zelosa da lei afetaria fortemente na continuidade do progresso do anúncio cristão em entre os gentios. A questão que é levantada por Paulo aponta para a necessidade

¹⁹ GONZAGA, W., “A verdade do Evangelho” (Gl 2,5.14) e a autoridade na Igreja, p. 40.

de se admitir positivamente a comunhão entre judeus e gentios no interior da Igreja. Um dos cenários que protagonizam a carta aos Gálatas é o embate entre Paulo e Pedro, quando Paulo repreende Pedro devido a sua conduta digna de exortação, pois ao chegar os judeus Pedro se afasta dos gentios (Gl 2,1-14)²⁰. Pedro é exortado por Paulo, pois sua atitude contraria o que o Evangelho genuíno defende. Sua atitude cria barreiras entre judeus e gentios, opondo-se à comunhão que o Evangelho gera. O âmago da questão levantada por Paulo está na busca por defender a inclusão de gentios na comunidade messiânica, estando em pé de igualdade com os cristãos oriundos do judaísmo²¹, e não com imposição de regras e leis judaicas a quem não provém do meio judaico.

A comunhão é bloqueada pela crença de que a aceitação no interior da comunidade estava condicionada ao cumprimento da lei e isso necessariamente afetaria a convicção da suficiência da fé em Cristo. A observância ou não da lei não constitui em si o grande problema para Paulo, visto que Paulo não defendia que os judeus convertidos ao cristianismo deixassem de cumprir a lei. O que o apóstolo combate integralmente é a imposição da lei aos gentios como pré-requisito para a comunhão na igreja e para o alcance da salvação. Paulo defende a “exclusividade de Cristo como único e tão somente único caminho de salvação”²².

²⁰ GONZAGA, W., “A verdade do Evangelho” (Gl 2,5.14) e a autoridade na Igreja (2055).

²¹ STEGNER, W. R., Paulo, o Judeu, p. 1023.

²² GONZAGA, W., “A verdade do Evangelho” (Gl 2,5.14) e a autoridade na Igreja, p. 55.

2.3. Teologia da Cruz em Gl 2,19-20

A partir de então, é pensada a Teologia da Cruz na compreensão de Lutero e de Moltmann. Todavia, a análise a respeito da Cruz é tomada a partir de Gl 2,19-20. Sem dúvidas, as possibilidades de textos a serem estudados são diversas, porém este estudo opta pelo texto presente na epístola aos Gálatas devido à intensidade com que é percebido o envolvimento do autor para com o contexto vivenciado e com a escrita apresentada. Não se tem por objetivo esgotar o conteúdo, a intenção é a de apresentar uma compreensão que a temática da Cruz possibilita a partir do texto escolhido. Destaca-se ainda que a análise se dá diretamente nos versículos escolhidos, porém é reconhecido que Gl 2,19-20 está presente em uma estrutura definida na escrita da carta, a autobiográfica de Paulo (Gl 1,6–2,21). É possível ver uma divisão tripartite na carta aos Gálatas, em três seções: A (Gl 1,1-2,21), B (Gl 3,1-4,31) e C (Gl 5,1-6,18), com suas subdivisões, sendo que há uma saudação inicial e um endereço (Gl 1,1-5); a) a seção autobiográfica paulina (Gl 1,6-2,21); b) a seção da defesa da fé e a prova escriturística (Gl 3,1-29); c) a seção da filiação divina e do midrash de Agar (Gl 4,1-31); d) a seção da liberdade e a vida segundo o Espírito (Gl 5,1-6,18), sendo que nesta última seção é que se teria uma possível conclusão (Gl 6,11-18)²³.

O texto de Gl 2,19-20 é a base para o campo de análise para a Teologia da Cruz. Portanto, aqui não são analisados os versículos de todo o recorte

²³ GONZAGA, W., “A verdade do Evangelho” (Gl 2,5.14) e a autoridade na Igreja, p. 59-69; GONZAGA, W., A estrutura literária da Carta aos Gálatas à luz da Análise Retórica Bíblica Semítica, p. 9-41.

da autodefesa de Paulo, nem a variedade de temas. Ou seja, indo diretamente à Teologia da Cruz, observa-se a expressão declarada por Paulo: “Χριστῷ συνεσταύρωμαι/com Cristo, estou crucificado” (Gl 2,19). A expressão em questão, junto ao recorte dos versículos destacados, apresenta claramente a compreensão de união total e irrestrita para com Cristo, utilizando para isso a imagem da crucificação. A palavra συνεσταύρωμαι possui raiz em συσταυρόω, que também é a mesma palavra utilizada em Mt 27,44, na narrativa da crucificação de Jesus, para fazer referência aos ladrões que foram crucificados com Jesus. A crucificação vai carregar significado muito profundo na teologia paulina, sendo compreendida como o evento salvífico que se manifesta como ação transformadora no mundo, uma vez que passa a ser, para aquele que se encontra impactado por seu poder salvífico, uma nova motivação para todo agir e pensar.

A partir da Cruz, é apresentada uma abertura para uma vida totalmente nova. Para Paulo, o Evangelho possui lugar central em sua teologia, sendo a dimensão ativa da expressão “ὁ λόγος τοῦ σταυροῦ/a palavra da cruz” (1Cor 1,18), o anúncio de salvação que se baseia na Cruz. Nela, não há exclusividade para imanência ou transcendência. A Cruz de Cristo deve ser compreendida não como um evento isolado na história, sendo sobretudo um ato de Deus. Assim, “ὁ λόγος τοῦ σταυροῦ/a palavra da cruz” é diretamente a ação transcendente de Deus. Por isso, a proclamação da Cruz é capaz de trazer salvação para aquele que se submete à ação de Deus, salvação essa que se contrapõe à sabedoria meramente humana. Desta forma, “ὁ λόγος τοῦ σταυροῦ/a palavra da

cruz”, baseada em Gl 2,19, é salvação para aqueles que se deixam crucificar por ela. Aquele que se vê totalmente atravessado pela Cruz não mais confia em seus próprios méritos, libertando-se da tentativa vã de se justificar diante de Deus através de suas próprias experiências religiosas. A Teologia da Cruz é vista na carta aos Gálatas nos mesmos moldes afirmativos da justificação pela fé, sendo de uma unidade inseparável. Em meio às expectativas de alcance de salvação pautada nos méritos humanos, Paulo declara com a afirmação da Cruz que essa é também a base de justificação para aquele que objetiva o caminho de Jesus. A utilização do termo *συνεσταύρωμαι*, traduzido por “estou crucificado”, reflete a união de Paulo com Jesus Cristo, apresentado o impacto e domínio de Cristo na vida do apóstolo. Paulo está assumindo uma proposta de vida que pressupõe como base fundamental a vida de Cristo, tomando para si os encargos de uma morte na Cruz e sua mais completa humilhação²⁴. A graça de Deus, porém, não dispensa os crentes de realizarem “boas obras”, como Paulo afirma em Rm 2,6 (“...Deus retribuirá a cada um segundo suas obras”) e em Ef 2,10 (“Pois somos criaturas dele, criados em Cristo Jesus, para as boas obras que Deus já antes tinha preparado para que nelas andássemos”), em seguimento do que pede o próprio Cristo em Mt 25,31-46, sobre o que será pedido no último julgamento.

3. A Teologia da Cruz de Martinho Lutero

²⁴ BRANDENBURGER, E., Cruz, p. 562-565.

Tudo que aconteceu a partir de Lutero levou a um movimento muito maior que o luteranismo, como se constata no mundo evangélico, pentecostal e neopentecostal hoje. Porém, parece que inicialmente o monge agostiniano não tinha a intenção de promover uma ruptura total com a Igreja Católica. Todavia, é fato que a abordagem utilizada por Lutero e a forma de conduzir os processos do movimento reformador revelaram uma sua característica muito contundente, fazendo com que sua atuação tivesse consequências verdadeiramente abruptas e as consequências que hoje temos no cristianismo. A existência de uma denominação que carrega seu próprio nome não o faz exclusivo dessa denominação, mas o torna a origem do movimento que o coloca no centro das “várias reformas” dentro da própria Reforma Protestante. Segundo Tillich, o valor do reformador é grande para o cristianismo, a ponto de ele qualificar Lutero como um dos “profetas da igreja cristã”²⁵, sendo um dos Pais da Reforma, juntamente com João Calvino e Ulrico Zuínglio. Essa forma de se referir a Lutero, por parte de Tillich, não o coloca numa posição superior a outros. O que se pode observar é que tal identificação, revela mais a intensidade do envolvimento do monge agostiniano ao apontar o que identificava estar equivocado no interior da Igreja naquela momento da história, bem como sua ligação com o que compreende serem os clamores do seu tempo; esse movimento, provavelmente, se fosse hoje, novamente seria contra parte do que

²⁵ TILLICH, P., *História do Pensamento Cristão*, p. 227.

resultou de seu próprio bojo, visto o que se presencia nesse meio hoje, como as Teologia da Prosperidade, do Domínio e do Poder.

É importante ter em mente dois momentos de muita importância na trajetória de Lutero. Em um primeiro momento, refere-se ao dia 31 de outubro de 1517, quando, hegemonicamente, entende-se que foi a data em que Lutero fixou as 95 teses à porta do castelo da Igreja de Wittenberg, na Alemanha. Neste momento, a preocupação maior do monge agostiniano era de questionar a questão das indulgências, revelando que essas teses possuíam maior preocupação para situação da igreja da época. O evento que acaba por ficar marcado com o posicionamento teológico de Lutero é o Debate de Heidelberg, ocorrido em abril de 1518. Lutero seguiu o caminho de falar sobre a natureza de Deus e a natureza humana presa no pecado. Sua contribuição no debate de Heidelberg foi de grande valor para a construção teológica, possibilitando até mesmo uma nova perspectiva no debate teológico ocidental, apresentando uma nova perspectiva da forma com a qual Deus lida com o mal e o sofrimento²⁶.

A respeito da ênfase apresentada por Lutero em Heidelberg, é importante perceber que, como mencionado acima, Lutero caminhava com uma busca existencial que lhe martelava a consciência lhe trazendo muito sofrimento pessoal. Ou seja, o sofrimento passou a ser uma temática natural na vida do monge agostiniano. Além disso, a questão do sofrimento não era apenas um caso subjetivo por parte de Lutero, que

²⁶ CAMPOS, F. B. D., A Teologia da Cruz em Paulo, Martinho Lutero e Edith Stein na perspectiva da dialogicidade segundo Mikhail Bakhtin, p. 129.

sim, tinha seus problemas pessoais, mas também tinha relação com o próprio tempo social e histórico devido ao “terror causado por guerras, pestes e infortúnios os mais variados”²⁷.

É nesse sentido que Lutero está imerso nas angústias de seu tempo social e histórico, por sua vez em diálogo ao sofrimento humano de seu tempo. Daí sua dialogicidade com o sofrimento que busca conforto na espiritualidade marcada pelo confronto a uma narrativa deveras terrificante. É neste aspecto que Lutero parece estar em conformidade àquelas condições intertextuais da narrativa paulina. É de sua natureza radicalmente social que Lutero retira os elementos que permitem a ele reinterpretar a cruz, pois são em tais condições que se encontram as vozes narrativas de uma autoridade do passado e que secundam o presente histórico do teólogo, o narrador que propõe uma reforma, e uma reforma que busque um Deus misericordioso²⁸.

A resposta que Lutero anseia por encontrar está presente no Cristo crucificado, que lhe conferiu paz de consciência, e por isso passou a dedicar seus esforços em prol de defender a mensagem em que encontrou coerência doutrinária e que se comunicava diretamente com seus anseios existenciais. É neste momento, em Heidelberg, que Lutero apresenta seu entendimento sobre a Teologia da Cruz de maneira mais concentrada. Não se diz aqui que o primeiro lugar onde Lutero esboçou sua Teologia da Cruz tenha sido em Heidelberg, uma vez que anteriormente Lutero já havia apresentado uma indicação sobre a ênfase da cruz em seu

²⁷ CAMPOS, F. B. D., A Teologia da Cruz em Paulo, Martinho Lutero e Edith Stein na perspectiva da dialogicidade segundo Mikhail Bakhtin, p. 120.

²⁸ CAMPOS, F. B. D., A Teologia da Cruz em Paulo, Martinho Lutero e Edith Stein na perspectiva da dialogicidade segundo Mikhail Bakhtin, p. 120.

pensamento. Ainda em suas 95 teses, Lutero já deixava exposto o lugar central que a cruz ocuparia em sua abordagem, uma vez que “nas últimas quatro teses o tema do sofrimento no seguimento de Cristo é evidente”²⁹.

92. Fora, pois, com todos esses profetas que dizem ao povo de Cristo: “Paz, paz!” sem que haja paz!

93. Que prosperem todos os profetas que dizem ao povo de Cristo: “Cruz! cruz!” sem que haja cruz!

94. Devem-se exortar os cristãos a que se esforcem por seguir a Cristo, seu cabeça, através de penas, da morte e do inferno;

95. E, assim, a que confiem que entrarão no céu antes através de muitas tribulações do que pela segurança da paz³⁰.

Nestas quatro últimas teses de autoria de Lutero é perceptível a forma como o seguimento de Cristo é tratado como algo que não distancia o seguidor do sofrimento. De todo modo, esse primeiro destaque de fato é inicial, não ocupa um lugar de grande destaque no corpo total das teses apresentadas. É posteriormente em Heidelberg que Lutero sustentará sua Teologia da Cruz, em contraponto a uma Teologia da Glória. Em Heidelberg, Lutero, ancorado na teologia paulina, defenderá que a partir da cruz Deus se revela como aquele que não quer ser reconhecido por coisas invisíveis, mas sim pelas visíveis. A partir disso, entende-se que Deus é reconhecido na intensidade de sua paixão que o leva à cruz e ao sofrimento. Portanto, reconhecemos a Deus pelos sofrimentos e pela cruz. Lutero apresenta um Deus que só pode ser encontrado na cruz e no

²⁹ CAMPOS, F. B.; DUFFECK, O.; DUFFECK, J. L. K., Lutero e a experiência do Abscôndito da Cruz, p. 71.

³⁰ LUTERO, M., Obras Seleccionadas, v.1, p. 29.

sofrimento. O pensamento inicial é diretamente pensado nos sofrimentos de Cristo na cruz, porém também é aplicado aos sofrimentos daqueles que se propõem ao seguimento do crucificado³¹.

Lutero se apresenta ao debate de Heidelberg formulando 40 teses, sendo 28 teses teológicas e 12 teses filosóficas. As teses filosóficas tinham a preocupação de ir contra a metafísica de Aristóteles. Lutero ia contra uma filosofia que acreditava que o único esforço considerado válido e correto era aquele que se voltava às coisas visíveis. Assim, ele propõe debates com a filosofia aristotélica durante toda sua vida, visto que para Lutero essa filosofia não podia servir de critério e norma para o fazer teológico³². Pensando na estrutura de como são apresentadas as teses teológicas, observa-se que numa primeira parte (teses 1-18), que ele foca em deixar claro que a lei de Deus não torna o ser humano justo e que o ser humano não tem condições de encontrar méritos em sua ética pessoal. Numa terceira parte (teses 23-28), Lutero deixa claro que as obras dos seres humanos que creem em Cristo são realizadas à luz da graça e da obra de Cristo. Nessas teses, Lutero coloca em um lugar de destaque a obra de Cristo em condição definitivamente superior às obras humanas. Porém, é na segunda parte (teses 19-22) que Lutero aborda o que representa o interesse desta pesquisa, a Teologia da Cruz, enfatizando que o conhecimento teológico, para ele, só se encontra na humildade³³.

³¹ DREHER, M. N., *A Redescoberta da Teologia da Cruz de Lutero no Debate com a Teologia da Libertação*, p. 128.

³² LUTERO, M., *Obras Seleccionadas*. v.1, p. 36.

³³ LUTERO, M., *Obras Seleccionadas*. v.1, p. 36-39.

19. Não se pode designar condignamente de teólogo quem enxerga as coisas invisíveis de Deus compreendendo-as por intermédio daquelas que estão feitas;

20. Mas sim quem compreende as coisas visíveis e posteriores de Deus enxergando-as pelos sofrimentos e pela cruz.

21. O teólogo da glória afirma ser bom o que é mau, e mau o que é bom; o teólogo da cruz diz as coisas como elas são.

22. A sabedoria que enxerga as coisas invisíveis de Deus, compreendendo-as a partir das obras, se envaidece, fica cega e endurecida por completo.³⁴

A Teologia da Cruz expressa por Lutero passa por seu entendimento do que seja um teólogo da cruz. Ou seja, expondo o que seja um teólogo da cruz, conseqüentemente entende-se o que é a Teologia da Cruz. Partindo disso, o teólogo da cruz é “aquele parte da presença de Deus na história e encontra no sofrimento e na cruz o parâmetro decisivo do desvelamento de Deus e o vértice da sua manifestação”³⁵. Entende-se com isso que a Teologia da Cruz não busca a especulação a respeito da essência misteriosa de Deus. Diferentemente disso, a Teologia da Cruz se debruça diante da presença histórica de Deus, que seria enxergada pelo teólogo da cruz como a própria revelação de Deus. É nessa valorização da presença de Deus na história que Lutero encontra no Cristo crucificado a realidade de um Deus que sofre. Deus é revelado de maneira distante das expectativas gloriosas em torno da divindade. Ao contrário disso,

³⁴ LUTERO, M., Obras Seleccionadas. v.1, p. 39.

³⁵ PALMA, A., Lutero e a Cruz. Raízes, chave hermenêutica e posteridade de um tema teológico, p. 25.

Deus é revelado na cruz humilhante que expunha toda fraqueza humana. E é no campo da humilhação e da vergonha que é a cruz, que Lutero guia seu pensamento teológico.

Para Lutero a cruz não é mero objeto da teologia, e sim a marca de toda teologia. Ela não só faz parte da doutrina da satisfação vicária, mas constitui um momento integral de todo conhecimento cristão. Teologia da cruz não é um capítulo da teologia, mas é uma determinada maneira de fazer teologia. A cruz de Cristo ali é importante não só para a busca de redenção e certeza da salvação, mas sim é o centro da perspectiva de todos os enunciados teológicos.³⁶

Para Lutero, assumir a Cruz não é apenas um tema que merece uma atenção especial e particular no campo da teologia. Para ele, a Cruz é a base de toda teologia e o “critério supremo da compreensão de Deus”³⁷. É partindo desse princípio que a teologia de Lutero é tida como Teologia da Cruz, uma vez que toda dogmática se encontra na perspectiva da Cruz do Ressuscitado. Para Lutero, Deus é, por sua natureza e essência indomável e inacessível pela razão. Por isso, Lutero entende a atuação de Deus na *abscondicidade*, por meio da qual os seus caminhos só podem ser abraçados a partir da fé³⁸. Definitivamente, Lutero acredita que não há conhecimento de Deus em glória e majestade sem o conhecimento diante da vergonha da cruz, pois “para revelar-se ele se ocultou sob sofrimento e cruz”³⁹.

³⁶ VON LOEWENICH, W., A teologia da cruz de Lutero, p. 14.

³⁷ PALMA, A., Lutero e a Cruz. Raízes, chave hermenêutica e posteridade de um tema teológico, p. 25.

³⁸ VON LOEWENICH, W., A teologia da cruz de Lutero, p. 33.

³⁹ VON LOEWENICH, W., A teologia da cruz de Lutero, p. 148.

O grande contraponto da Teologia da Cruz que Lutero busca colocar em meio ao debate de Heidelberg é a Teologia da Glória (*Theologia Gloriam*). A Teologia da Glória é aquela que, ao contrário da Teologia da Cruz, busca encontrar Deus por meio das obras⁴⁰. Sendo assim, para Lutero, se na Teologia da Cruz se identifica uma teologia da fé, na Teologia da Glória se identifica uma teologia das obras, o eu para a carta de Tiago não há problemas, pois fé e obras precisam e devem andar juntas (Tg 2,14-26)⁴¹. A Teologia da Glória tem uma busca direta de colocar Deus numa posição manipulável, uma vez que essa teologia possibilita que os atos humanos definam os atos de Deus, por isso até mesmo a misericórdia de Deus é alcançada por meio de obras humanas⁴². Porém, de forma alguma se nega o valor das “boas obras”, que têm seu lugar na vida do crente, a exemplo do que indica Paulo (Rm 2,6; Ef 2,10), no seguimento do próprio Cristo (Mt 25,31-46), como indicado antes. Portanto, a Teologia da Glória é a verdadeira opositora da Teologia da Cruz. Porém, é preciso ter presente, e jamais se esquecer, que o Ressuscitado, glorioso, é o Jesus Cristo da Cruz. Se na Teologia da Cruz Deus é conhecido no lugar de seu ocultamento, a cruz, na Teologia da Glória, o homem, por sua vez, vai em busca de conhecer a Deus tomando também como recurso as próprias obras humanas. Na Teologia da Glória, o homem vai até Deus, na Teologia da Cruz, Deus é revelado em meio à

⁴⁰ CAMPOS, F. B. D., A Teologia da Cruz em Paulo, Martinho Lutero e Edith Stein na perspectiva da dialogicidade segundo Mikhail Bakhtin, p. 132.

⁴¹ KONINGS, J., Fé que salva, segundo Gálatas e Tiago, p. 42-64.

⁴² CAMPOS, F. B. D., A Teologia da Cruz em Paulo, Martinho Lutero e Edith Stein na perspectiva da dialogicidade segundo Mikhail Bakhtin, p. 136.

fraqueza e ao sofrimento diante da cruz⁴³. Desse modo, o debate que envolve “Teologia da Cruz *versus* Teologia da Glória” significa “teologia histórico-salvífica contra teologia especulativa”⁴⁴.

4. Jürgen Moltmann: A trajetória teo-biográfica e sua Teologia da Cruz

4.1. “Éramos como sobreviventes”: o sofrimento como maternidade do teólogo

Jürgen Moltmann⁴⁵ é tido por alguns como o teólogo que possivelmente possui o maior grau de representatividade da teologia protestante contemporânea. Seu nascimento se deu no dia 18 de abril de 1926⁴⁶, em Hamburgo⁴⁷. Durante o seu tempo de adolescência, ele se reconhecia com grande inclinação ao estudo da Matemática e da Física. A teologia até então não tinha papel de importância em sua vida. Porém, o percurso de sua vida foi fortemente alterado devido à experiência que Moltmann viveu diante da Segunda Guerra Mundial. Ele se viu diante dos horrores da Guerra, presenciando sua cidade sendo destruída, em julho de 1943, pela operação Gomorra. O até então, o então desejoso de se tornar estudante de matemática ou física precisou se alistar nas forças nazistas lideradas por Hitler. Quando perguntado, em uma entrevista, sobre como

⁴³ CAMPOS, F. B. D., A Teologia da Cruz em Paulo, Martinho Lutero e Edith Stein na perspectiva da dialogicidade segundo Mikhail Bakhtin, p. 140.

⁴⁴ VON LOEWENICH, W., A teologia da cruz de Lutero, p. 10.

⁴⁵ Ao mencionarmos o nome de Jürgen Moltmann, iremos durante toda a pesquisa, utilizarmos apenas Moltmann

⁴⁶ Moltmann faleceu recentemente, no dia 3 de junho de 2024, aos 98 anos.

⁴⁷ MONDIN, B., Os grandes teólogos do século vinte, p. 283.

verdadeiramente passou a ter contato com a fé e como se deu o início de seus estudos teológicos, Moltmann respondeu:

Depois da Guerra fui prisioneiro de guerra num campo em Inglaterra, e só depois me tornei cristão. É uma história muito longa, mas posso resumi-la brevemente: queria em primeiro lugar estudar matemática ou física. Depois de 1943 terminei a escola e fui incorporado como ajudante de campo, isto é, no posto de uma bateria anti-aérea em Hamburgo. Depois aconteceu a destruição de Hamburgo pela força aérea inglesa na última semana de julho de 1943. Isso originou um enorme incêndio e toda a parte oriental de Hamburgo ficou destruída (quarenta mil pessoas morreram, mulheres e crianças). A nossa bateria foi bombardeada de noite. Os amigos que estavam ao meu lado morreram, mas eu escapei, o único. Não sei nem como nem o porquê. Nessa noite de morte gritei a Deus e tornei-me alguém que O busca.⁴⁸

O relato acima apresenta um Moltmann claramente impactado com o sofrimento em meio à Guerra, refletindo profundamente no porquê de ter perdido tantos à sua volta, mas também representa o grande momento que o fez buscar por Deus e se expor à sua confiança. Essa experiência o direcionou à Bíblia, especialmente ao Sl 39 e ao Evangelho de Marcos, que o fez se deparar diante do grito de Jesus angustiado e se sentindo abandonado por Deus. Perceber o questionamento de Jesus dizendo “Meu Deus, Meu Deus, por que me abandonaste?” (Mc 15,34; Sl 22,2) fez com que Moltmann experimentasse em Jesus a solidariedade de seus

⁴⁸ DE PINHO, A., Jurgen Moltmann. *Humanística e Teologia*, p. 17-19.

sofrimentos. Em suas palavras: “soube com certeza: está ali o único que me compreende”⁴⁹.

A experiência vivida diante da operação em Gomorra é colocada por Moltmann como uma marca indispensável para o início de sua teologia, visto que ele não tinha, até então, contato com a fé e pertencia a uma família secularizada. O ataque sofrido por sua cidade, que levou à morte de inúmeras pessoas, fez com que Moltmann, pela primeira vez, clamasse por Deus: “Aquele noite clamei pela primeira vez por Deus: Meu Deus, onde estás? Desde então fui perseguido pela pergunta: Por que não estou morto também? Para que vivo? O que dá sentido à minha vida?”⁵⁰. Moltmann e os outros que não morreram diante aquele ataque se enxergavam como sobreviventes, porém o peso do luto tornava a sobrevivência algo muito difícil.

A teologia de Moltmann surge em meio a esse cenário, diante de uma sobrevivência que se transformava em incumbência pela vida. Verdadeiramente sobrevivência, pois, como o próprio Moltmann se refere, “Éramos como sobreviventes”⁵¹. A teologia de Moltmann é uma teologia que possui o seu nascimento e toda construção com uma presença intensa da realidade do sofrimento. Vivendo como prisioneiro de guerra, Moltmann declarou ter perdido a esperança na cultura de sua terra natal e na própria raça humana devido a todos os horrores provocados nos campos de concentração alemães, especialmente em

⁴⁹ MOLTSMANN, J., *A Fonte da Vida*, p. 12-13.

⁵⁰ MOLTSMANN, J., *A Fonte da Vida*, p. 10.

⁵¹ MOLTSMANN, J., *A Fonte da Vida*, p. 10.

Auschwitz⁵². Sobre a sua experiência como prisioneiro de guerra, Moltmann afirma que:

Em 1944, com a idade de dezessete anos, fui mandado para a guerra. Colocaram-me num campo de prisioneiros juntamente com massas de meu povo. Foram três anos de trabalho forçado. Perdemos os nomes e nos transformamos em números. Ficamos órfãos de lar e de pátria; perdemos a esperança, a auto-consciência, e a própria comunidade. Experimentamos, então, o que poderíamos chamar de *ochlos*, ou seja, a massa humana desorganizada, prisioneira, sem educação e sofredora, sem face, sem liberdade e sem história.⁵³

Diante de tudo que foi vivido nesse período de horrores, mesmo tendo escapado da morte e sendo sobrevivente, a esperança já não se fazia presente entre os prisioneiros do campo e as massas do povo. A esperança estava totalmente perdida e diante da perda da esperança Moltmann encontrava nos poemas de Goethe e seu Fausto um refúgio e alimento para a sua alma. Dentro de condições humilhantes, Moltmann encontra uma nova esperança por meio do contato com a Bíblia e através dos encontros com outras pessoas. Como mencionado antes, ele recebeu de presente uma Bíblia, na Escócia, que marcou seu contato inicial com o texto sagrado⁵⁴. Sobre a sua experiência com os escritos bíblicos, Moltmann relata que:

⁵² LEAL, M. D. C., *Espiritualidade Humanizadora*, p. 92.

⁵³ MOLTSMANN, J., *Paixão pela vida*, p. 33.

⁵⁴ MOLTSMANN, J., *A Fonte da Vida*, p. 11-12.

Muitos teriam preferido cigarros. Eu, porém, lia sem compreender muito, até que encontrei os salmos de lamentação. O Salmo 39 me cativou: “Calei-me, mais do que convinha. Minha dor tornou-se insuportável... A duração de minha vida é quase nada diante de ti... Ouve a minha oração, Senhor, e meu grito e presta ouvido às minhas lágrimas, não permaneças surdo, pois não passo de um migrante junto a ti, um hóspede como todos os meus antepassados”. Eram palavras que brotavam de minha alma e a atraíam para Deus. Depois cheguei à história da Paixão. Quando li o grito de Jesus ao morrer: “Meu Deus, por que me abandonaste?”, soube com certeza: está ali o único que me compreende. Comecei a compreender o Cristo atribulado, porque sentia que era compreendido por ele: o irmão divino na aflição, que leva consigo os cativos em seu caminho para a ressurreição. Recobrei o ânimo de viver. Fui tomado de uma grande esperança.⁵⁵

No contato com os escritos bíblicos, Moltmann pôde encontrar a verdadeira esperança. No que tange aos encontros com as pessoas, ele relata a maneira cordial como os ingleses e escoceses, que eram antigos inimigos, os tratavam. Eles, que haviam se tornado apenas números e eram vistos apenas como prisioneiros, foram recebidos em Kilmarnock com profunda hospitalidade⁵⁶. A participação na primeira conferência internacional da SCM (*Student Christian Mission* - Missão Cristã Universitária), em 1947, também teve fundamental importância em seu encontro com a grande esperança. Moltmann relata que nesse dia viveu uma intensa comunhão com irmãos em Cristo orando, cantando e compartilhando das refeições com cristãos de vários lugares do mundo. Moltmann pôde experimentar de um tempo profundamente especial juntos a um grupo de estudantes holandeses.

Mas, receoso da reação desse grupo, visto que Moltmann fez parte do grupo que lutou na batalha em torno da ponte de Arnheim na Holanda,

⁵⁵ MOLTSMANN, J., *A Fonte da Vida*, p. 12-13.

⁵⁶ MOLTSMANN, J., *A Fonte da Vida*, p. 13.

Moltmann diz que os estudantes da Holanda os revelaram que Cristo era a ponte que tornava possível o encontro entre esse grupo de holandeses, Moltmann e seus companheiros de guerra. Esse encontro foi fundamental para a compreensão de Moltmann sobre a esperança, pois ele e seus companheiros também puderam confessar a culpa de seu povo e pedir por reconciliação. Tudo o que foi vivido nessa conferência e os abraços no final desse encontro fizeram com que Moltmann se sentisse liberto e tivesse a oportunidade de se perceber novamente humano. Tudo o que Moltmann viveu, tanto na conferência da SCM quanto com os escritos bíblicos, colaborou para a decisão de tornar-se professor e pastor⁵⁷.

4.2. *A experiência em Norton Camp*

Pensando nesses pontos centrais na trajetória de Moltmann, é necessário destacar que a experiência no Campo de Concentração possui papel fundamental em sua formação. Existiam variados campos de prisioneiros no período da Guerra. Havia aqueles que eram verdadeiramente brutais, como os campos na Rússia, porém os campos sob o domínio britânico, mesmo havendo armamento e guardas por serem de fato um campo de prisioneiros, eram direcionados à “reeducação” deles, que tinham até mesmo o auxílio da YMCA (*Young Men's Christian Association* - Associação Cristã de Moços). Dentro desse projeto de reeducação, os prisioneiros tinham a possibilidade de se desenvolverem em áreas acadêmicas, sendo no campo da educação ou da teologia⁵⁸.

Havia alguns professores de teologia entre os prisioneiros de Norton Camp, com os quais Moltmann pôde começar os seus estudos teológicos⁵⁹. Durante o tempo em que ficou em Norton Camp, Moltmann teve acesso a um grande número de obras de teologia. Ele afirma: “Naquele tempo, li de tudo: poesias e romances, matemática e filosofia, e grandes quantidades de teologia, praticamente de manhã até de

⁵⁷ MOLTSMANN, J., *A Fonte da Vida*, p. 13-14.

⁵⁸ MCPHERSON, H., *Wartime Blessings*. Response. Trata-se de um pequeno artigo (*Wartime Blessings* – Bênçãos da Guerra) em que veteranos lembram-se do acampamento britânico de prisioneiros de guerra com gratidão. O artigo dá uma breve apresentação de como era o Norton Camp, um acampamento de prisioneiros de guerra.

⁵⁹ KUZMA, C. A., *O Teólogo Jürgen Moltmann e o seu caminhar teológico realizado na esperança*, p. 18.

noite”⁶⁰. Sobre a intensa jornada de estudos teológicos, Moltmann escreve:

Os planos letivos dos semestres eram ricos, e nós, afinal, queríamos aprender tudo. Estudei hebraico com Walter Haaren e Gerhard Noller. Gerhard Friedrich nos introduziu no Novo Testamento. Depois vieram visitantes: Anders Nygren ficou quatorze dias e nos ensinou teologia sistemática, o professor Soe, de Copenhague, fez o mesmo em relação à ética cristã. Werner Milch, emigrado, mais tarde professor em Marburg, apresentou-nos de forma contagiante uma história da literatura do século XX. Fritz Blanke veio de Zurique e Matthew Black, da Escócia. Tempos depois voltei a encontrá-lo em St. Andrews. Sem dúvida éramos um acampamento “vitrine”, e não sem motivo. Contudo, também fomos ricamente presenteados e honrados pelas visitas e palestras de Birger Forell, John Mott, Willem Visser’t Hooft, Martin Niemoller e outros⁶¹.

O tempo que Moltmann passou como prisioneiro em Norton Camp foi de suma importância para o desenvolvimento de seu pensamento teológico. Para Moltmann, o último semestre de estudos na Escola de Teologia em Norton Camp o marcou como o momento em que sua vida intelectual se desenvolveu de maneira mais intensa. Moltmann tinha consciência da importância que Norton Camp possuía em sua formação, fosse na formação teológica quanto na formação humana. Ele é agradecido pelos olhares e falas de perdão que recebeu por pessoas de outras nacionalidades e possui gratidão por tudo que a Associação Cristã

⁶⁰ MOLTSMANN, J., *A Fonte da Vida*, p. 15.

⁶¹ MOLTSMANN, J., *A Fonte da Vida*, p. 15.

de Moços (ACM) fez pelos prisioneiros, como a instalação de uma biblioteca que contribuiu fortemente para os seus estudos teológicos⁶². Assim, observa-se que, mesmo por um momento perdendo a esperança, como apresentado acima, foi no tempo em que esteve como prisioneiro de Guerra que Moltmann se encontrou com a grande esperança. Como ele próprio disse: “Recobrei o ânimo de viver. Fui tomado de uma grande esperança”⁶³. Nessa grande esperança que o revstiu, mesmo em meio à ao campo prisioneiros, Moltmann experimentou uma profunda comunhão com Jesus, que, como ele mesmo diz, não tomou uma decisão por Cristo, mas sim ter sido Cristo a o ter encontrado em meio aos escombros da humanidade e no fundo do desespero, transformando tudo isso em esperança nas mãos do Onipotente e Misericordioso Deus.

4.3. Retorno para casa e formação teológica

Moltmann voltou para casa aos 22 anos de idade, no ano de 1948, em um cenário de ruínas perante o pós-guerra⁶⁴. Inicialmente, tentou apresentar uma teologia dos chamados “sobreviventes desta geração”, pois ele acreditava que o modelo da Igreja Confessante (*Bekennende Kirche*), que foi extremamente importante durante o período da Guerra, tornar-se-ia vigente nas estruturas eclesiais⁶⁵. Porém, o que aconteceu foi um retorno aos modelos que já eram hegemônicos antes mesmo do período da

⁶² MOLTSMANN, J., *A Fonte da Vida*, p. 15-17.

⁶³ MOLTSMANN, J., *A Fonte da Vida*, p. 13.

⁶⁴ GONÇALVES, A., *Por uma eclesiologia aberta*, p. 28.

⁶⁵ CARVALHO, J. C., *Notas biográficas e teológicas sobre Jürgen Moltmann*, p. 2.

Guerra. Era quase uma tentativa impossível esquecer de tudo que foi vivido devido aos horrores da Guerra.

Na volta ao seu país natal (Alemanha), Moltmann passa a estudar na universidade de Gottingen. Nela, os professores eram fortemente influenciados por Karl Barth e se dedicavam à Igreja Confessante da Alemanha. As Igrejas Nacionais daquele tempo haviam se silenciado ou se unido a Hitler. Ao contrário da lógica dessas igrejas que se aliaram a Hitler, a Igreja Confessante, com as declarações teológicas de Barmen, no ano de 1934, buscou libertar a igreja da tutela do Estado. A Igreja Confessante deu início à *Kirchliche Hochschule* de Wuppertal, no ano de 1935, em busca de proporcionar uma teologia que não viesse a se submeter aos poderes do Estado. Justamente devido aos fins da *Kirchliche Hochschule* de Wuppertal, a própria teve o seu fechamento logo após sua fundação, sendo aberta novamente apenas no ano de 1945⁶⁶.

Quando Moltmann retornou à Alemanha, deu continuidade aos seus estudos teológicos em Gottingen. Permaneceu em Gottingen até 1952, doutorando-se nessa Universidade. Também no ano de 1952, Moltmann casou-se com Elisabeth Wendel, mãe de seus quatro filhos⁶⁷. Após concluir seus estudos em Gottingen, no ano de 1953, ele passa a se dedicar ao trabalho pastoral numa pequena comunidade reformada de Bremen-Wasserhorst. Em seu livro *Paixão pela Vida*, que é uma coleção de suas apresentações, quando em setembro de 1977, esteve em algumas

⁶⁶ CARVALHO, J. C., Notas biográficas e teológicas sobre Jürgen Moltmann, p. 2-3.

⁶⁷ CARVALHO, J. C., Notas biográficas e teológicas sobre Jürgen Moltmann, p. 4.

faculdades de teologia no Brasil, no capítulo intitulado “A Esperança nas Lutas do Povo”, Moltmann apresenta alguns traços autobiográficos. Ele expressa a importância da teologia acadêmica ter uma natureza pastoral e de estar em contato direto com o povo. Sobre sua experiência como pastor, Moltmann relata:

Nem sempre fui professor de Teologia. Por mais de cinco anos trabalhei como pastor de uma comunidade rural. Nesses anos experimentei o que qualquer pastor da “Igreja para o povo”, a *Volkskirche*, pode experimentar. Preguei, ensinei, batizei, fiz casamentos, enterros, visitei lares e enfermos. Na medida do possível no meio do povo, com ele e por ele. Nessa situação não havia separação entre a Universidade e a congregação muito embora haja sempre uma diferença entre membros da igreja e seu pastor, o povo com suas roupas de operários e o pastor com suas vestes litúrgicas. Espera-se que o pastor exista *para* eles, mas jamais lhe será possível estar entre eles como se fosse igual. Pode anunciar-lhes esperança, mas somente o povo pode expressar a própria esperança e luta. Essas experiências pastorais ajudam-me no meu trabalho de professor de teologia. Sinto-me mais perto do povo, mas não levam de modo algum ao próprio povo.⁶⁸

Com esse relato de Moltmann, fica claro que o trabalho pastoral possuiu forte importância em todo o seu desenvolvimento acadêmico. Foi importantíssimo para ele passar por esse tempo de trabalho pastoral, visto que havia acabado de sair pós-graduado da Universidade de Gottingen e se encontrava então numa realidade bem simples. Moltmann vive uma experiência profunda que o permite ter “conhecimento da

⁶⁸ MOLTSMANN, J., Paixão pela Vida, p. 32.

teologia do povo na luta por suas famílias e seu sustento diário, nas memórias de seus mortos e nos cuidados pelas suas crianças”⁶⁹.

4.4. Contribuição teológica

A produção teológica de Moltmann é subdividida em dois períodos: 1) Em primeiro lugar, é identificada a Trilogia da Esperança, composta pelas obras: *Teologia da Esperança* (1964)⁷⁰, *O Deus Crucificado* (1972)⁷¹, *A Igreja no Poder do Espírito* (1975)⁷²; 2) Após o recorte dessas três grandes obras, o próprio Moltmann denomina o segundo período como *Contribuições Sistemáticas para Teologia*. Essa segunda subdivisão conta com as seguintes produções: *Trindade e Reino de Deus* (1980)⁷³, *Deus na criação* (1985)⁷⁴, *O caminho de Jesus Cristo* (1989)⁷⁵, *O Espírito da vida* (1991)⁷⁶, *A vinda de Deus* (1995)⁷⁷ e *Experiências de reflexão teológicas* (1999)⁷⁸.

Na Trilogia da Esperança, Moltmann apresenta suas grandes matrizes de pensamento partindo da fundamentação de uma escatologia construída a partir da esperança cristã, além formular uma teologia que tocasse nas

⁶⁹ KUZMA, C. A., O Teólogo Jürgen Moltmann e o seu caminhar teológico realizado na esperança, p. 18.

⁷⁰ MOLTSMANN, J., *Teologia da esperança* (1964).

⁷¹ MOLTSMANN, J., *O Deus Crucificado* (1972).

⁷² MOLTSMANN, J., *A Igreja no poder do Espírito* (1975).

⁷³ MOLTSMANN, J., *Trindade e Reino de Deus* (1980).

⁷⁴ MOLTSMANN, J., *Deus na criação* (1985).

⁷⁵ MOLTSMANN, J., *O caminho de Jesus Cristo* (1989).

⁷⁶ MOLTSMANN, J., *O Espírito da Vida* (1991).

⁷⁷ MOLTSMANN, J., *A vinda de Deus* (1995).

⁷⁸ MOLTSMANN, J., *Experiências de reflexão teológica* (1999).

questões do sofrimento elaboradas a partir da realidade de um Deus que sofre. Na segunda subdivisão, nas *Contribuições Sistemáticas para a Teologia*, Moltmann se dedica a fazer um diálogo ecumênico com as teologias das Igrejas cristãs, tocando intensamente em pontos da pneumatologia trinitária e carregando uma forte perspectiva ecológica, realizando uma nova abordagem de temas tratados em sua “escatologia da esperança”⁷⁹.

A Trilogia da Esperança, especialmente em sua obra inicial, *Teologia da Esperança* (1964), foi escrita nos anos 60 durante um tempo de grandes transformações, quando as pessoas estavam buscando novas respostas de um novo tempo. Tanto nos Estados Unidos quanto na Europa ocorreram diversas manifestações. Essas manifestações se levantavam contra a propostas de guerras, buscando novas formas para a sociedade, trazendo maior importância para a liberdade individual, a paz no mundo e a responsabilidade social. A teologia, com isso, não estava indiferente a esse processo mundial, pelo contrário, ela também passava por grandes mudanças e transformações. Porém, o pensamento secularizado adquire grande força e passa a existir um enorme desencanto para com o pensamento teológico tradicional⁸⁰.

Dentre as grandes marcas da teologia do século 20, está a redescoberta do caráter escatológico do cristianismo. A Escatologia estava sendo tratada como um apêndice final depois de serem tratados outros assuntos da teologia cristã⁸¹. É em meio a essa realidade que Moltmann escreve a

⁷⁹ COSTA JÚNIOR, J. D., O Espírito criador, p. 11.

⁸⁰ GRENZ, S. J.; OLSON, R. E., A teologia do século 20, p. 203.

⁸¹ GIBELLINI, R., Teologia do século XX, p. 279.

sua primeira grande obra *Teologia da Esperança* (1964). O título de sua obra vai além do próprio nome do livro e passa igualmente a dar nome a uma nova escola de pensamento teológico, denominado Teologia da Esperança (TdE), também chamado e traduzido por muitos como Teologia Pública⁸².

Na segunda grande obra de Moltmann, *O Deus Crucificado* (1972), o teólogo desenvolve a Teologia da Cruz a partir da sua perspectiva sobre o sofrimento. Teologia da Cruz viria a ser também o nome de um movimento teológico de paternidade do próprio Moltmann. Conforme trabalhado anteriormente, ele possui uma trajetória *teo-biográfica*, uma que seu caminhar teológico se inicia diante de experiência vivencial que o afetou profundamente por um contexto generalizado de sofrimento devido aos horrores da Guerra. Mesmo Moltmann não sendo prisioneiro de guerra nos campos de concentração de Auschwitz durante o tempo em que ficou como prisioneiro, o teólogo teve acesso ao que de fato ocorria nas práticas de extermínio no interior de alguns campos nazistas, como em Auschwitz. Em vista disso, o questionamento levantado primeiramente por Emmanuel Lévinas “Como falar de Deus depois de Auschwitz?”⁸³ é essencial para entender o que de fato é a esperança em Moltmann.

Toda a realidade vivida e presenciada no período da Guerra fazia com que Moltmann e todos os que sofreram com os horrores nos campos de concentração se sentissem abandonados por Deus. A conclusão a que

⁸² KUZMA, C. A., O futuro de Deus na missão da esperança cristã, p. 89.

⁸³ KUZMA, C. A., O futuro de Deus na missão da esperança cristã, p. 94.

muitos chegavam era a de incompatibilidade de haver a presença de Deus diante de um cenário como esse. Porém, a pergunta que se revela necessária é: “Como não falar de Deus depois de Auschwitz?”⁸⁴. Essa pergunta representa um Norte fundamental para compreender a realidade de um Deus que não está indiferente ao sofrimento humano.

De que maneira é possível crer-se em Deus e continuar a ser humano depois de Auschwitz? Não sei. Lembro-me, porém, da estória escrita por Elie Wiesel, *Noite*, sobre Auschwitz. Dois judeus e uma criança estavam sendo enforcados. Os prisioneiros eram obrigados a olhar. Os homens morreram logo. A criança agonizou por algum tempo. “Então alguém atrás de mim perguntou: Onde está Deus? e eu permaneci em silêncio. Meia hora depois clamou novamente, Onde está Deus? Onde? Uma voz dentro de mim respondeu, Deus está ali pendurado na forca...”⁸⁵

O relato apresentado acima, presente na obra *Paixão pela Vida* (1978), evidencia a forma com que Moltmann compreende a relação de Deus com o sofrimento humano. Nele está apresentado um Deus que assume a dor humana em total solidariedade ao sofrimento humano. Essa preocupação direta com a vida humana é o que leva Moltmann a produzir sua teologia com as preocupações diretas com o próprio tempo da escrita. A teologia de Moltmann não é desenvolvida com as bases das estruturas

⁸⁴ KUZMA, C. A., O futuro de Deus na missão da esperança cristã, p. 98.

⁸⁵ Moltmann, J., *Paixão Pela Vida*, p. 53.

convencionais, mas sim “como uma metáfora da vida”⁸⁶, a partir dos clamores e gritos do seu tempo.

Tomando essa busca direta de Moltmann pelos clamores da sociedade, observando sua contribuição, é importante pensar e refletir sobre sua Teologia da Esperança e a sua Teologia da Cruz, que são justamente os nomes dos movimentos teológicos de autoria atribuída à Moltmann, pois são trabalhados pelo autor sobretudo nas obras *Teologia da Esperança* (1964) e *O Deus Crucificado* (1972). Todavia, é um erro analisar essas obras de maneira isolada. No livro *Teologia da Esperança*, em que Moltmann apresenta um tratado sobre a escatologia cristã, a esperança é proposta como fundamento de antecipação de um Reino que muitas vezes é visto somente como adiamento. Dentro dessa definição, a esperança se manifesta também como missão encarnada no tempo presente, não como uma expectativa por um futuro dissociado do chão do hoje.

Em sua obra *Teologia da Esperança* (1964), Moltmann concentra sua atenção no ressuscitado e em como a fé no ressuscitado inaugurava um novo tempo. É de fato a compreensão de uma esperança que não é vista como uma abstração, mas sim como responsabilidade e ação na história. Se em *Teologia da Esperança* o direcionamento de Moltmann se dá em um movimento da cruz para a ressurreição, em *O Deus Crucificado* (1972), o movimento trilhado é da ressurreição para a cruz. Ou seja, a teologia é pensada a partir da cruz do Deus Crucificado. Com esse olhar, Moltmann se propõe ao caminho de uma teologia que privilegia o

⁸⁶ MOLTSMANN, J., *O Deus Crucificado*, p. 8.

sofrimento humano. A esperança e o sofrimento, enquanto pilares principais da teologia de Moltmann, são vistos em aproximação a partir da compreensão de que a cruz não é uma ferramenta de conformação diante do sofrer nem de aceitação inerte das dores pessoais e do mundo. Ao contrário disso, a cruz, sendo o lugar a humilhação de Deus, apresenta-nos a solidariedade de Deus e a necessidade de lutar contra a maldade e a injustiça. Nela é encontrada a identidade e a relevância da fé cristã⁸⁷.

Conclusão

A temática da Teologia da Cruz é um campo da teologia que tem sido explorado em vários momentos da tradição do cristianismo. No presente estudo, este campo foi pensado em uma perspectiva bíblica, histórica e da teologia sistemática em um recorte contemporâneo, trazendo uma abordagem a partir da Escritura e de dois teólogos protestantes (Lutero e Moltmann).

Assumindo a base da discussão a partir da perspectiva bíblica, buscou-se compreender o tema a partir de Paulo, que indica a cruz como elemento norteador de sua vida e pensamento. No texto de Gl 2,19-20, ao assumir uma Teologia da Cruz, antes disso, é assumida a própria cruz como caminho de vida a ser trilhado no seguimento de Jesus. A primeira fonte da Teologia da Cruz é afirmada antes do próprio raciocínio e

⁸⁷ KUZMA, C. A., Entre cruces e esperanças: olhando a pandemia a partir da teologia de Jürgen Moltmann.

registro escrito por Paulo como sendo a afirmação de uma vida crucificada, de uma experiência pessoal e determinante em sua vida. A partir da cruz, Paulo define sua experiência de Deus como sendo uma experiência de cruz, da mais completa união com Cristo crucificado.

Similar à perspectiva vivencial, observada em Paulo, Lutero, impulsionado pela compreensão de que não conseguiria se salvar e encontrar justiça em si próprio, compreende na cruz a morte dos méritos humanos. Na cruz, Lutero compreende que a ação de Deus indo ao encontro do ser humano não depende das capacidades humanas, diferentemente da perspectiva da Teologia da Glória, que tenta manipular Deus a partir dos méritos humanos. A Teologia da Cruz é o reconhecimento de que Deus salva na exposição de sua mais completa humilhação e fraqueza, que se dá justamente diante da cruz.

Dando continuidade do estudo, trabalhou-se a teologia de Moltmann, que é apresentada por próprio como suas contribuições Sistemáticas para a Teologia, sendo localizado numa perspectiva mais contemporânea da teologia. Sendo considerado o patrono de duas grandes escolas de pensamento, a Teologia da Esperança e a Teologia da Cruz, em sua Teologia da Cruz, Moltmann enfatiza a questão do sofrimento, tendo na cruz a base e crítica para a teologia cristã, como ele apontou em uma de suas grandes obras: “O Deus Crucificado”. Sua contribuição para a temática do sofrimento não é especulativa nem abstrata. Pelo contrário, ela sobretudo construída a partir de sua própria experiência de sofrimento em meio à Segunda Guerra Mundial; sendo ainda mais específico, sua experiência de Deus. Com isso, sua teologia nasce diante do sofrimento

concretamente experimentado por ele e pela humanidade de seu tempo e contexto.

O que se pode observar é que existe um fio condutor comum entre as abordagens do estudo. Com a afirmação “Χριστῶ συνεσταύρωμαι/*com Cristo, estou crucificado*” (Gl 2,19), Paulo expressa toda sua união com Cristo, que no caso não é uma mera consciência abstrata. Paulo se declara unido com Cristo, sendo Cristo o Deus exposto na cruz, em sofrimento e humilhação. Em Lutero, o poder que desconstrói os méritos humanos é revelado no sofrimento de Cristo na cruz. Em Moltmann, o sofrimento de Cristo na cruz é o fundamento da solidariedade de Deus com o sofrimento humano. O sofrimento de Jesus Cristo, que, sob o olhar humano, opõe-se a qualquer tipo de triunfo e manifestação de poder, é visto como fundamento na compreensão da fé cristã.

Referências Bibliográficas

AGOSTINHO, S. **Confissões**. São Paulo: Paulus, 1984.

BARBAGLIO, G. **Cartas de Paulo (II)**. São Paulo: Loyola, 2017.

BRANDENBURGER, E. Cruz. In: BROWN, C. (org.). **O Novo Dicionário Internacional de Teologia do Novo Testamento**. São Paulo: Sociedade Religiosa Edições Vida Nova, 1981. v.1, p. 557-566.

BULTMANN, R. **Teologia do Novo Testamento**. Santo André: Editora Academia Cristã, 2008.

CAMPOS, F. B. D. **A Teologia da Cruz em Paulo, Martinho Lutero e Edith Stein na perspectiva da dialogicidade segundo Mikhail Bakhtin**. São Leopoldo, 2022. 253p. Tese. Programa de Pós-graduação em Teologia, Faculdades EST.

CAMPOS, F. B. D.; DUFFECK, O.; DUFFECK, J. L. K., Lutero e a experiência do Abscôndito da Cruz. *Revista Pistis & Praxis*, v. 16, n. 1, jan/abr. 2024, p. 68-82. Doi: <https://doi.org/10.7213/2175-1838.16.001.DS05>

COSTA JÚNIOR, J. D. **O Espírito criador**: A ecologia na teologia trinitária de Jürgen Moltmann. Rio de Janeiro, 2008. Tese. Faculdade de Teologia, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

DE PINHO, Arnaldo. Entrevista Jürgen Moltmann. *Humanística e Teologia*, v.28, n. 1-2, p. 16-49. 2007. Disponível em: <<https://repositorio.ucp.pt/bitstream/10400.14/19092/1/%5BEntrevista%5D%20Jurgen%20Moltmann.PDF>>. Acesso em 15 jun. 2024.

CARVALHO, J. C., Notas biográficas e teológicas sobre Jürgen Moltmann. *Humanística e Teologia*, v. 28, n. 1-2, 2007, p. 51-65.

DREHER, M. N. A Redescoberta da Teologia da Cruz de Lutero no Debate com a Teologia da Libertação. *Estudos Teológicos*, v. 34, n. 2, 1994, p. 124-139. Disponível em: <http://www.periodicos.est.edu.br/index.php/estudos_teologicos/article/view/903/876>. Acesso em: 16 jun. 2024.

GIBELLINI, R. **A teologia do século XX**. São Paulo: Edições Loyola, 2012.

GONÇALVES, A. **Por uma eclesiologia aberta**: Reflexões a partir da eclesiologia de Jürgen Moltmann como uma contribuição teológica à Igreja Batista brasileira, 2014. Dissertação. Programa de Pós-graduação em Ciências da Religião, Universidade Metodista de São Paulo.

GONZAGA, W. **“A verdade do Evangelho” (GL 2, 5.14) e a autoridade na igreja**: Gl 2, 1-21 na exegese do Vaticano II até os nossos dias. História, balanço e novas perspectivas. Santo André: Academia Cristã, 2014.

GONZAGA, W. **Os Conflitos na Igreja Primitiva entre Judaizantes e Gentios a partir das Cartas de Paulo aos Gálatas e aos Romanos.** Santo André: Academia Cristã, 2015a.

GONZAGA, W. **Os Conflitos na Igreja Primitiva entre Judaizantes e Gentios em Gl 2.** Santo André: Academia Cristã, 2015b.

GONZAGA, W. O *Corpus Paulinum* no Cânon do Novo Testamento, *Atualidade Teológica*, Rio de Janeiro, v. 21, n. 55, jan./abr.2017, p. 19-41. Doi: <https://doi.org/10.17771/PUCRio.ATeo.29100>

GONZAGA, W. **Compêndio do Cânon Bíblico.** Listas bilíngues dos Catálogos Bíblicos. Antigo Testamento, Novo Testamento e Apócrifos. Rio de Janeiro, EdiPUC-Rio; Petrópolis: Vozes, 2019.

GONZAGA, W. A estrutura literária da Carta aos Gálatas à luz da Análise Retórica Bíblica Semítica. *ReBiblica*, Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, jan./jun. 2021, p. 09-41. Doi: <https://www.doi.org/10.46859/PUCRio.Acad.ReBiblica.2596-2922.2021v2n3p9>

GONZAGA, W.; LIMA, A. P. A autocompreensão missionária de Paulo em Rm 11,13 e 1Tm 2,7. In: GONZAGA, W. [et al.]. **Evangelização, santidade e amor a Deus e ao próximo nas Epístolas do Novo Testamento.** Porto Alegre: Editora Fundação Fênix, 2023, p. 29-76. Doi do capítulo: <https://doi.org/10.36592/9786554600835-01>

GRENZ, S. J.; OLSON, R. E. **A teologia do século 20: Deus e o mundo numa era de transição.** São Paulo: Cultura Cristã, 2003.

STENDAHL, K., **Paul among Jews and Gentiles.** London: S. C. M. Press, 1977.

KONINGS, J. Fé que salva, segundo Gálatas e Tiago. *ReBiblica*, v. 2 n. 3, p. 42-64, 2021. Doi: <http://10.46859/PUCRio.Acad.ReBiblica.2596-2922.2021>

KUZMA, C. A., Entre cruces e esperanças: olhando a pandemia a partir da teologia de Jürgen Moltmann. *Instituto Humanitas Unisinos*, São Leopoldo, 2 abr. 2021. Disponível em: <<https://www.ihu.unisinos.br/categorias/608050-entre-cruces-e-esperancas-olhando-a-pandemia-partir-da-teologia-de-juergen-moltmann>>. Acesso em 10 jul. 2024.

KUZMA, C. A. **O futuro de Deus na missão da esperança cristã:** Um estudo da escatologia na Teologia da Esperança de Jürgen Moltmann em aproximação com a Teologia Latino-Americana da Libertação no contexto atual. Rio de Janeiro, 2012. Tese. Faculdade de Teologia, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

KUZMA, C. A. O Teólogo Jürgen Moltmann e o seu caminhar teológico realizado na esperança. *Atualidade Teológica*, v.17, n. 43, jan/abr. 2014, p. 15-38.

LEAL, M. D. C. **Espiritualidade Humanizadora:** uma contribuição da pneumatologia moltmanniana à missão integral. Rio de Janeiro, 2017. Tese. Faculdade de Teologia, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

LUTERO, M., **Obras Seleccionadas:** Volume 1; Os primórdios - Escritos de 1517 a 1519. São Leopoldo: Sinodal, 1987.

MCPHERSON, H. Wartime Blessings. *Response*. v.31, n.1, 2008. Disponível em: <<https://spu.edu/depts/uc/response/spring2k8/features/wartime-blessings.asp>>. Acesso em 13 julho 2021.

MOLTMANN, J. **A Fonte da Vida:** O Espírito Santo e a teologia da vida. São Paulo: Loyola, 2002.

MOLTMANN, J. **A Igreja no poder do Espírito:** Uma contribuição à eclesiologia messiânica. Santo André: Academia Cristã, 2013.

MOLTMANN, J. **A Vinda de Deus:** Escatologia Cristã. São Leopoldo: Unisinos, 2003.

MOLTMANN, J. **Deus na criação**: doutrina ecológica da criação. São Leopoldo: Unisinos, 1993.

MOLTMANN, J., **Experiências de reflexão teológica**: Caminhos e formas da teologia cristã. São Leopoldo: Unisinos, 2004.

MOLTMANN, J. **O caminho de Jesus Cristo**: Cristologia em dimensões messiânicas. Petrópolis: Vozes, 1994.

MOLTMANN, J. **O Deus Crucificado**: A cruz de Cristo como base e crítica da teologia cristã. Santo André: Academia Cristã, 2020.

MOLTMANN, J. **O Espírito da vida**: Uma pneumatologia integral. Petrópolis: Vozes, 2010.

MOLTMANN, J. **Paixão pela vida**. São Paulo: ASTE, 1978.

MOLTMANN, J. **Teologia da esperança**: Estudos sobre os fundamentos e as consequências de uma escatologia cristã. São Paulo: Loyola, 1971.

MOLTMANN, J. **Trindade e Reino de Deus**: Uma contribuição para a teologia. Petrópolis: Vozes, 2000.

MONDIN, B. **Os grandes teólogos do século vinte**. São Paulo: Teológica, 2003.

NESTLE-ALAND (eds.), **Novum Testamentum Graece**. Ed. XXVIII. Stuttgart: Deutsche Bibelgesellschaft, 2012.

PALMA, A. Lutero e a Cruz. Raízes, chave hermenêutica e posteridade de um tema teológico. In: ALBERTO, E. M. et al. (Eds.). **Martinho Lutero e Portugal: diálogos, tensões e impactos**. Lisboa: CHAM-Centro de Humanidades, 2019, p. 23-35.

POWERS, J. E. Paulo, Conversão e Chamado de. In: REID, D. G. (ed.). **Dicionário teológico do Novo Testamento**: Compêndio dos mais avançados estudos bíblicos da atualidade. São Paulo: Vida Nova; Loyola, 2012. p. 989-999.

STEGNER, W. R. Paulo, o Judeu. In: REID, D. G. (ed.). **Dicionário teológico do Novo Testamento**: Compêndio dos mais avançados estudos bíblicos da atualidade. São Paulo: Vida Nova; Loyola, 2012. p. 1015-1025.

TILLICH, P. **História do Pensamento Cristão**. São Paulo: ASTE, 2015.

VASCONCELLOS, P. L.; FUNARI, P. P. A. **Paulo de Tarso**: um apóstolo para as nações. São Paulo: Paulus, 2014.

VON LOEWENICH, W. **A teologia da cruz de Lutero**. São Leopoldo: Sinodal, 1988.